

Semelhança e diferença nas relações entre grupos sociais

Rui Costa-Lopes¹

O discurso corrente dos Portugueses sobre outros grupos sociais, nomeadamente sobre imigrantes, é frequentemente marcado por dinâmicas de semelhança e diferença. Ora se ouve um discurso exaltado sobre



como, por exemplo, os muçulmanos têm uma cultura e costumes tão diferentes dos “nossos”, ora se ouve como Portugueses e Brasileiros são semelhantes, partilhando tanto a língua como um gosto pela hospitalidade. Que

estas diferenças e semelhanças existam não é tão importante como o facto de as pessoas pensarem que essas existem efectivamente. E estas percepções de semelhança e diferença entre grupos sociais têm um forte impacto nas atitudes (positivas ou negativas) que os grupos têm em relação a outros grupos. É neste sentido que a literatura em psicologia social atribui um papel central a estes conceitos. Este artigo pretende, assim, apresentar sucintamente o que a psicologia social tem mostrado sobre a relação entre percepção de semelhança/diferença² e atitudes face a outros grupos (atitudes intergrupais).

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

² Ver Glossário para definição de “semelhança/diferença”.

Os estudos sobre esta relação são bastante contraditórios. Inquéritos realizados na Europa mostraram, por um lado, que os grupos imigrantes ou minoritários que se assimilam (i.e. que anulam a diferença) são alvo de atitudes menos preconceituosas (Van Oudenhoven & Eisses, 1998) mas, por outro lado, que a maioria, frequentemente, prefere que as minorias permaneçam diferentes (Thalhammer, Zucha, Enzenhofer, Salfinger & Ogris, 2001).

Resultados equívocos encontram-se também em estudos experimentais¹ (Brown, 1984). Na verdade, a investigação experimental revelou resultados em direcções opostas – parece existir apoio tanto para a predição de que a semelhança intergrupar está associada a atitudes positivas (e a diferença associada a atitudes mais negativas), como para a predição oposta, em que se afirma que a semelhança está associada a atitudes mais negativas (e a diferença associada a atitudes mais positivas). A maior parte da investigação sobre este problema emergiu da Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979), que apoia a última predição.

A semelhança intergrupar como antecedente de atitudes intergrupais negativas

De acordo com a Teoria da Identidade Social, a pertença a grupos sociais é um dos aspectos que constitui a identidade de uma pessoa. Esta identidade social constrói-se através de comparações com outros grupos relevantes, de forma a permitir uma distintividade (positiva) do nosso grupo. Ou seja, para uma pessoa se sentir bem com a sua identidade, vai preferir pertencer a grupos que podem contribuir de forma positiva para a sua distintividade em relação aos outros. Dado este ênfase na procura de distintividade, deduz-se que qualquer ameaça à distintividade do grupo pode gerar atitudes negativas em relação à fonte dessa ameaça. Assim, a semelhança leva a atitudes

intergrupais negativas, na medida em que tal semelhança pode constituir uma ameaça à desejada distintividade do endogrupo².

Vários estudos apoiam esta hipótese (e.g. Deschamps & Brown, 1983; Diehl, 1988; Roccas & Schwartz, 1993; Jetten, Spears & Mansted, 1997; 2001; Lima & Vala, 2002). Num estudo que examinou se a introdução de objectivos supra-ordenados (i.e. objectivos comuns a ambos os grupos) constitui uma medida eficaz para melhorar as relações intergrupais, Deschamps e Brown (1983) descobriram que tal eficácia se verificava apenas quando os grupos gozavam de papéis *distintos* na tarefa cooperante para alcançar esses objectivos. Portanto, é positivo que os grupos lutem pelo bem comum, mas é importante que cada grupo tenha a sua contribuição distinta para que cada pessoa sinta a importância do seu grupo.

Num estudo envolvendo grupos nacionais, Henderson-King, Henderson-King, Zhermer, Posokhova e Chiker (1997) encontraram uma interacção entre a semelhança do exogrupo e a percepção de ameaça que esse grupo instiga. Essa interacção significa que quanto mais os indivíduos viam o exogrupo como semelhante, mais negativas eram as suas atitudes em relação a este, mas tal apenas acontecia quando esses mesmos indivíduos viam o exogrupo como uma ameaça. No entanto, é possível encontrar na literatura uma tendência oposta, ou seja, estudos demonstrando que a diferença intergrupar pode estar na origem de relações intergrupais negativas.

A diferença intergrupar como antecedente de atitudes intergrupais negativas

A hipótese de que é a diferença (e não a semelhança) que pode estar na origem de atitudes intergrupais

¹ Ver Glossário para definição de “estudos experimentais”.

² Ver Glossário para definição de “endogrupo”.

negativas encontra apoio no seio da Teoria da Auto-Categorização (Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell 1987). A Teoria da Auto-Categorização foca mais os aspectos cognitivos do comportamento e propõe que, em momentos diferentes, um indivíduo percepçiona-se a si próprio como único (auto-conceito) ou como membro de um grupo (e.g. Portugueses vs Espanhóis). A forma como o indivíduo se vê a dado momento (i.e. como se auto-categoriza) determina as suas percepções, atitudes e comportamentos. Por sua vez, o que determina a forma como a pessoa se auto-categoriza é a saliência contextual dos grupos, i.e. se a ideia de grupos distintos se apresenta como evidente ou não numa situação. Por exemplo, às vezes percebemos claramente que existe o grupo dos benfiquistas e dos portistas, porque num dado contexto cada grupo usa as cores que os distingue. Por outras vezes quando joga Portugal, o contexto leva a diferença entre esses grupos a esbater-se. Portanto, é a existência de pistas no contexto, como por exemplo, as diferenças perceptíveis entre os grupos que determina se uma pessoa se vai ver mais como benfiquista ou como adepto da Selecção. E essa auto-categorização que está activa determina a forma como a pessoa se sente em relação a um portista. Um contexto que salienta as diferenças entre benfiquistas e portistas leva a atitudes mais negativas, e um contexto que as inibe - por salientar a categoria supra-ordenada (a Selecção Portuguesa) - promove relações mais positivas. Assim, de acordo com a Teoria da Auto-Categorização é a diferença percebida entre grupos que leva a atitudes intergrupais mais negativas.

Alguns estudos experimentais oferecem apoio a esta hipótese (Hensley & Duvall, 1976; Grant, 1993; Jetten, Spears & Manstead, 1996). Por exemplo, nos estudos de Jetten e colegas (1996) manipulou-se semelhança e diferença intergrupais, através de *feedback* sobre normas do endogrupo e do exogrupo, e verificou-se menores enviesamentos intergrupais quando os grupos eram semelhantes.

Jetten, Spears e Postmes (2004) conduziram também uma meta-análise, i.e. um estudo que procurou

agregar os resultados de todos os estudos sobre esta relação. Verificaram inicialmente que não havia um efeito claro da semelhança ou da diferença indicando, efectivamente, que alguns estudos mostravam um padrão de resultados e outros estudos demonstravam o padrão oposto.

Quando se pretende perceber em que condições ocorre um fenómeno e em que condições ocorre o contrário, diz-se que estamos em busca de um factor moderador. Foi isso mesmo que os autores desta meta-análise fizeram e mostraram que o *grau de identificação* com o nosso grupo de pertença (identificação endogrupal) é o factor mais relevante. Essa moderação da identificação endogrupal significa que as pessoas muito identificadas com o seu grupo de pertença (por exemplo, com o seu país) têm atitudes mais negativas face a um exogrupo semelhante (por exemplo, um grupo imigrante semelhante) do que face a um exogrupo diferente. Isto deve-se ao facto de a distintividade (que é ameaçada em caso de semelhança intergrupais) ser especialmente importante para as pessoas muito envolvidas com o seu grupo (i.e. muito identificadas). Para as pessoas pouco identificadas é a diferença que conduz a atitudes negativas, porque, para estas pessoas, é a existência de diferenças que dá saliência à existência de grupos distintos e a distinção entre grupos é a condição essencial (e por vezes suficiente) para desencadear atitudes intergrupais negativas (Tajfel, Billig, Flament & Bundy, 1971).

Apesar de se ter mostrado que tanto a semelhança como a diferença poderiam conduzir a atitudes intergrupais negativas e que a identificação endogrupal permitia perceber quando se verifica um ou outro mecanismo, constatou-se, no entanto, que, nestes estudos, a semelhança ou diferença se referiam a aspectos simbólicos. Por aspectos simbólicos, referimo-nos a aspectos que não têm consequências relevantes para a obtenção de recursos materiais. A nossa própria pesquisa partiu desta constatação e da hipótese avançada por outros de que os impactos da semelhança/diferença poderiam depender dos aspectos a que se refere tal semelhança ou

diferença (Zárate, Garcia, Garza & Hitlan, 2004). E, nesse sentido, colocámos a questão de quais seriam os efeitos de semelhança e diferença quando esta semelhança/diferença se refere a aspectos dos grupos que determinam a obtenção de recursos materiais como emprego ou dinheiro. Tais aspectos podem ser habilitações académicas, características de personalidade que determinam competitividade, etc.

Considerando esta distinção entre uma dimensão simbólica e uma dimensão instrumental, hipotetizámos que a diferentes dimensões corresponderiam diferentes processos. Isto é, dependendo se a diferença ou semelhança entre os grupos ocorre em termos de uma dimensão instrumental ou de uma dimensão simbólica, as reacções e atitudes em relação aos outros grupos serão diferenciadas e afectadas por diferentes factores. Pensou-se assim que, provavelmente, o mecanismo apresentado na literatura sobre o papel moderador da identificação endogrupal na relação entre diferença/semelhança intergrupais e atitudes intergrupais será mais adequado quando os aspectos remetem para uma dimensão simbólica. Quando os aspectos segundo os quais se define a diferença/semelhança remetem para uma dimensão instrumental, então considerámos que o papel moderador principal já não seria representado pelo nível de identificação com o endogrupo, mas sim pela percepção de interdependência, i.e., a percepção de que os grupos em questão convivem num clima de cooperação ou de competição (Sherif, 1966).

Conduzimos uma linha de estudos para testar esta hipótese (Costa-Lopes, 2009; Costa-Lopes & Vala, 2008) no campo das atitudes face a grupos imigrantes onde se observa uma dinâmica que envolve tanto os aspectos simbólicos como os aspectos instrumentais. Os cinco estudos experimentais realizados permitiram, em geral, corroborar a hipótese. Assim, quando a semelhança/diferença se refere a aspectos simbólicos, os efeitos deste aspecto nas atitudes face a imigrantes dependem da identificação endogrupal de tal forma que as pessoas muito identificadas com Portugal expressam atitudes mais positivas face a imigrantes apresentados como diferentes

e pessoas pouco identificadas expressam atitudes mais positivas face a imigrantes apresentados como semelhantes. Quando a semelhança/diferença se refere a aspectos instrumentais, é a interdependência de objectivos (ou seja, o facto de o clima entre Portugueses e imigrantes ser de cooperação ou competição) que determina quais os efeitos da semelhança/diferença nas atitudes face aos imigrantes. Assim, numa condição de cooperação, os grupos imigrantes apresentados como semelhantes (ou apresentados como diferentes por superioridade) são vistos mais favoravelmente porque estão em melhores condições de contribuir frutiferamente para o bem comum (de Portugueses e imigrantes). Numa condição de competição, esses mesmos grupos são vistos mais negativamente do que um grupo imigrante apresentado como diferente e inferior, já que este último, ao contrário dos outros grupos imigrantes, não configura uma ameaça (na medida em que tem uma menor capacidade de “roubar” recursos materiais ao endogrupo).

Assim, um primeiro estudo que procurou testar a hipótese global mostrou que apesar de a identificação moderar os efeitos da forma esperada para os aspectos simbólicos e de a interdependência moderar os efeitos também da forma esperada para os aspectos instrumentais, havia no entanto alguma interferência destas mesmas variáveis na outra dimensão também. Ou seja, o mecanismo que se observou para a dimensão instrumental (onde a existência de competição ou cooperação é que influencia o fenómeno) apenas se verificou para as pessoas muito identificadas e o mecanismo que se observou para a dimensão simbólica (em que é a identificação com Portugal que toma um papel determinante) só aconteceu quando o clima entre Portugueses e imigrantes era apresentado como sendo de cooperação (e não na condição de competição). Realizou-se um novo estudo que mostrou que o facto de o mecanismo na dimensão simbólica só funcionar numa condição de cooperação, se deveu ao facto de os materiais que foram usados neste primeiro estudo para criar a ideia de que existia um clima de competição entre portugueses e imigrantes terem interferido com a manipulação de semelhança e diferença. Ou seja,

quando se mencionava que os objectivos destes dois grupos eram incompatíveis (daí o clima de competição), isso parece ter criado uma imagem de diferença que se confundia com a informação que já era dada sobre a semelhança e diferença entre os grupos. Neste novo estudo, em que a manipulação experimental da imagem de competição foi criada de forma a não interferir com a outra manipulação de semelhança/diferença, os resultados obtidos revelaram os padrões esperados tanto num clima de cooperação como de competição.

Finalmente, realizou-se um outro estudo que pretendeu perceber porque é que o mecanismo hipotetizado para a dimensão instrumental só se verificava para os indivíduos muito identificados com Portugal. Pensou-se que isto seria possivelmente porque a situação retratada no estudo não afectava directamente as pessoas envolvidas no estudo e, portanto, só aqueles que estavam muito identificados (e preocupados) com o país em geral, poderiam reagir negativamente a essa situação. Assim, criou-se um novo cenário no estudo em que as questões de semelhança e diferença entre Portugueses e imigrantes poderiam, hipoteticamente, afectar directamente os respondentes do estudo. Tal foi conseguido pedindo a enfermeiros que participassem no estudo e utilizando manipulações de semelhança e diferença entre enfermeiros portugueses e enfermeiros imigrantes a trabalhar em Portugal. Desta forma, foi possível demonstrar que a percepção de interdependência de objectivos afectava o impacto da semelhança e diferença entre grupos nas atitudes intergrupais, independentemente do nível de identificação de cada indivíduo.

Conclusões

As pesquisas em psicologia social que se focam nas relações intergrupais permitem perceber que as semelhanças e diferenças entre grupos são aspectos fundamentais da sociedade que têm forte impacto nas atitudes face a outros grupos, nomeadamente atitudes face a imigrantes. A forma como reagimos a outros grupos que são

semelhantes ou diferentes pode depender do nível de identificação que temos com o grupo (ou grupos) a que pertencemos, mas também do clima de interdependência que existe entre os grupos envolvidos (se estamos a competir ou a lutar pelo bem comum). O que determina se é a identificação ou a percepção de interdependência que marca o processo é a dimensão a que se referem os aspectos envolvidos na comparação de semelhanças e diferenças. Se a semelhança ou diferença se referem a aspectos instrumentais (i.e. que afectam a capacidade dos grupos em atingir mais e melhores recursos materiais) então é a interdependência que actua como factor determinante. Quando a semelhança ou diferença remetem para aspectos simbólicos será a identificação com o endogrupo a determinar os efeitos. Assim, poder-se-á dizer que os efeitos da semelhança e diferença entre grupos nas relações entre grupos estão longe de ser directos e parecem indicar que a diferentes dimensões de percepção de semelhança/diferença correspondem diferentes processos que determinam diferentes atitudes.

Glossário

Semelhança/diferença: usamos o termo semelhança/diferença como representando um *continuum* do grau de semelhanças e diferenças que existem (ou se percebem como existindo) entre dois grupos. Faço esta ressalva porque muitas vezes a palavra *diferença* acarreta *a priori* o peso da negatividade e não é esse o nosso entendimento.

Estudos experimentais: estudos que procuram manipular certas condições do contexto para observar o impacto que estas variações têm noutros fenómenos. Por exemplo, um estudo experimental pode manipular a temperatura de uma sala para observar que efeito isso tem na distância que as pessoas mantêm em relação umas às outras.

Endogrupos: os endogrupos são os grupos a que a pessoa pertence e os exogrupos são os grupos a que a pessoa não pertence.

Referências

- Brown, R. J. (1984). The role of similarity in intergroup relations. In H. Tajfel (Ed.), *The social dimension: European developments in social psychology* (pp. 603-623). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Costa-Lopes, R. (2009). *Similarity and Dissimilarity in Immigration Contexts: Different Dimensions, Different processes*. Tese de Doutoramento não publicada. ISCTE, Lisboa.
- Costa-Lopes, R. & Vala, J. (2008). Impactos da semelhança e da diferença. Manuscrito não publicado.
- Deschamps, J. C. & Brown, R. (1983). [Superordinate goals and intergroup conflict](#). *British Journal of Social Psychology*, 22, 189-195.
- Diehl, M. (1988). [Social identity and minimal groups: The effects of interpersonal and intergroup attitudinal similarity on intergroup discrimination](#). *British Journal of Social Psychology*, 27, 289-300.
- Grant, P. R. (1993). [Reactions to intergroup similarity: Examination of the similarity-differentiation and similarity-attraction hypothesis](#). *Canadian Journal of Behavioural Science*, 25, 28-44.
- Henderson-King, E., Henderson-King, D., Zhermer, N., Posokhova, S. & Chiker, V. (1997). [In-group favoritism and perceived similarity: A look at Russian's perceptions in the post-Soviet era](#). *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 1013-1021.
- Hensley, V. & Duval, S. (1976). [Some perceptual determinants of perceived similarity, liking, and correctness](#). *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 159-168.
- Hornsey, M. J. & Hogg, M. A. (2000). [Intergroup Similarity and Subgroup Relations: Some Implications for Assimilation](#). *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26 (8) 948-958.
- Jetten, J., Spears, R. & Manstead, A. S. R. (1996). [Intergroup norms and intergroup discrimination: Distinctive self-categorization and social identity effects](#). *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 1222-1233.
- Jetten, J., Spears, R. & Manstead, A. S. R. (1997). [Distinctiveness threat and prototypicality: Combined effects on intergroup discrimination and collective self-esteem](#). *European Journal of Social Psychology*, 27, 635-657.
- Jetten, J., Spears, R. & Manstead, A. S. R. (2001). [Similarity as a source of discrimination: The role of group identification](#). *European Journal of Social Psychology*, 31, 621-640.
- Lima, M. e Vala, J. (2002). Individualismo meritocrático, diferenciaccção cultural e racismo. *Análise Social*, 37, 181-207.
- Roccas, S. & Schwartz, S. H. (1993). [Effects of intergroup similarity on intergroup relations](#). *European Journal of Social Psychology*, 23, 581-595.
- Sherif, M. (1966). *In common predicament: Social psychology of intergroup conflict and cooperation*. New York: Houghton Mifflin.
- Tajfel, H., Billig, M., Bundy, R. P., & Flament, C. (1971). [Social categorization and intergroup behaviour](#). *European Journal of Social Psychology*, 1(2), 149-178.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The*

social psychology of intergroup relations (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.

Thalhammer, E., Zucha, V., Enzenhofer, E., Salfinger, B. & Ogris, G. (2001). Attitudes toward minority groups in the European Union: A special analysis of the Eurobarometer 2000 survey. European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia, Vienna.

Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D. & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Oxford, UK: Basil Blackwell.

Van Oudenhoven, J. P. & Eisses, A-M. (1998). [Integration and assimilation of Moroccan immigrants in Israel and the Netherlands](#). *International Journal of Intercultural Relations*. 22 (3), 293 – 307.

Zárate, M., Garcia, B., Garza, A., & Hitlan, R. (2004). [Cultural threat and perceived realistic group conflict as dual predictors of prejudice](#). *Journal of experimental Social Psychology*. 40, 99-105.

Autor



Rui Costa-Lopes, doutorado em Psicologia Social pelo ISCTE em 2009, focando o tema da Semelhança e Diferença em contextos de Imigração. Actualmente, desenvolve investigação pós-doutoral no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e na Radboud University Nijmegen (Países Baixos). Os seus principais

interesses de investigação actuais relacionam-se com manifestações e consequências do preconceito racial implícito. E rui.lopes@ics.ul.pt